

Os Surrealistas

*CICLO DE CELEBRAÇÃO DOS 70 ANOS DA
1ª EXPOSIÇÃO EM PORTUGAL*

GLOBAL(ismo)

02 de julho a
07 de setembro, 2019
aPGn2 - a PiGeon too



Curadoria
Carlos Cabral Nunes



1^a Exposição de "Os Surrealistas", Sala de Projeções da Pathé-Baby, Junho de 1949. (Da esquerda para a direira: Henrique Risques Pereira, Mário Henrique Leria, António Maria Lisboa, Pedro Oom, Mário Cesariny, Cruzeiro Seixas, Carlos Eurico da Costa e Fernando Alves dos Santos. Ausentes: António Paulo Tomaz, Carlos Calvet, Fernando José Francisco e João Artur da Silva.



Reviver “Os Surrealistas” em Lisboa, 70 anos depois!

“Construir o Nada Perfeito” é o título desta exposição antológica de tributo a Cruzeiro Seixas. Título, aliás, dado pelo próprio artista, descrevendo-o como sendo o que procurou sempre fazer, ao longo da sua longa e intensa vida. O destaque dado a esta personalidade maior do movimento surrealista português, a par com Cesariny e demais companheiros de aventura Surrealista, é tanto mais justificado por se tratar do derradeiro mentor de OS SURREALISTAS ainda em atividade, ao cabo de quase 99 anos de idade.

Esta e outras três mostras ocorrem por ocasião do ciclo de Celebração dos 70 anos da 1^a exposição de OS SURREALISTAS, anti-grupo fundado por Cruzeiro Seixas, Mário Cesariny e restantes companheiros d'aventura Surrealista: Pedro Oom, Henrique Risques Pereira, António Maria Lisboa, Mário Henrique Leria, Fernando José Francisco, Carlos Eurico da Costa, Carlos Calvet, Fernando Alves dos Santos, António Paulo Tomaz, João Artur da Silva. Pela sua mão, em junho de 1949, deu-se em Lisboa uma espécie de revolução quase secreta que o país, só mais tarde, veio a reconhecer e a adotar. É esse ato inaugural da modernidade que influenciou sucessivas gerações de autores, que se evoca e se recorda neste ciclo, em diferentes locais da capital.

A célebre exposição que teve lugar na sala de projecções da Pathé Baby, junto à Sé de Lisboa, é evocada no núcleo “Surrealismo em 1949” que se mostra na Perve Galeria, em Alfama, a partir do dia 29. No mesmo dia, na Casa da Liberdade - Mário Cesariny, apresentam-se na exposição “Conexões e Miscigenação”, obras realizadas até 1975, que denotam a influência de OS SURREALISTAS num conjunto alargado de autores dos países de Língua

Portuguesa. Essa influência teve um protagonista maior: Artur do Cruzeiro Seixas, que rumou a África em 1952 para se fixar em Angola até 1964, aí realizando várias exposições marcantes.

Finalmente, inaugurará no dia 2 de julho, na Galeria aPGn2 - A PiGeon too, em Alcântara, a mostra “Global(ismo)”, que reúne obras realizadas a partir do ano 2000, por artistas internacionais e dos PALOP, numa perspetiva de homenagear OS SURREALISTAS e de colocar em evidência os múltiplos caminhos que este movimento abriu e que ainda se mantém atual. O ciclo comemorativo contemplará também diversos atos performativos e outras exposições, a realizar em vários pontos do país, assim como serão apresentados filmes sobre OS SURREALISTAS e o seu percurso, entre os quais os realizados, nos anos 50 do século XX, por Carlos Calvet. Este ciclo de celebração tem a curadoria de Carlos Cabral Nunes e é organizado pelo Colectivo Multimédia Perve, associação de arte e cultura, sem fins lucrativos, fundada em 1997.

Entrevista a Cruzeiro Seixas, conduzida e realizada por Carlos Cabral Nunes, assistido por Mariana Guerra. Junho de 2019. Direitos reservados: Colectivo Multimédia Perve

CCN: Para além da questão das exposições, havia também uma outra proposta. O Mário (Cesariny) dizia: "Proposta de transformação da Sociedade".

CS: Ah, mas isso... Isso é uma coisa que está a acontecer e que aconteceu com a Revolução Francesa, que aconteceu também com a Implantação da República em Portugal, que aconteceu com os novos regimes como tem acontecido em Inglaterra, e na América, sendo que cada presidente faz uma nova América. Quer dizer que tudo isto realmente são situações que vão acontecendo, e que coisas muito brilhantes resultaram disso tudo? Resultaram realmente coisas muito esquisitas. Mas coisas que sejam grandiosas, aquilo que a humanidade precisava, está muito longe de acontecer. Da Revolução Francesa o que é que nos ficou? Do Comunismo na Rússia o que é que nos ficou? De todas esses grandes acontecimentos; do assassino da família real, daquilo o é que nos ficou? Quer dizer, umas tontices, bater com a cabeça nas paredes, não sei quantos, e pouco mais...

(...)

1/3



David Middlebrook (1944, U.S.A.)
Congress, 2012
Bronze, basalto, 201 x 46 x 46 cm, Ref.: DMI002



David Middlebrook (1944, USA)
Retirement, 2012
Alumínio, bronze, madeira, epoxy,
183 x 81 x 43 cm, Ref.: DMI003



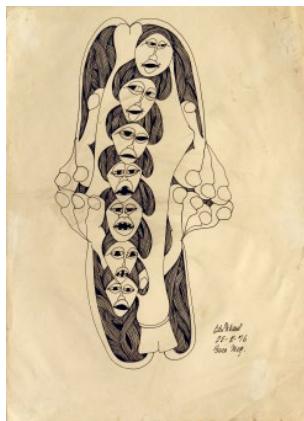
David Middlebrook (1944, U.S.A.)
Generation Gap, 2012
Alumínio, 41 x 109 x 10 cm, Ref.: DMI005



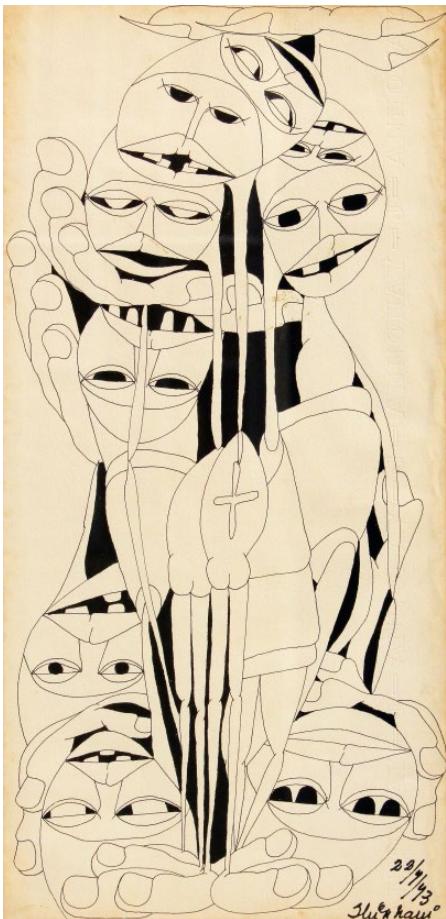
David Middlebrook (1944, U.S.A.)
Breath of Fresh Air, 2012
Bronze, resina, 152 x 183 x 91,5 cm, Ref.: DMI003



Ernesto Shikhani (1934 - 2010,
Moçambique)
Sem Título, 1974
Técnica mista s/papel,
60 x 40 cm, Ref.: S119



Ernesto Shikhani (1934 - 2010,
Mozambique)
Sem Título, 1976
Técnicas mista s/ papel,
47 x 34 cm, Ref.: S242



Ernesto Shikhani (1934 - 2010, Moçambique)
Sem Título, 1973
Tinta da China s/papel,
38 x 18 cm, 1973, Ref.: S009



Ernesto Shikhani (1934 - 2010, Moçambique)
Sem Título, 2005
Técnica mista s/papel, 60 x 40 cm, Ref.: S155



Ernesto Shikhani (1934 - 2010, Moçambique)
Sem Título, 2005,
Técnica mista s/papel, 60 x 40 cm, Ref.: S157



Ídasse (Moçambique)
Laurinda, 2000
Tinta da China s/ papel, 36,5 x 27 cm, Ref.: I36



Ivan Veliz Villalobos (1975, Chile)

El mundo de Doña Florinda, 2018

Técnica mista, esferográfica com acrílico, em passepartout sem ácido e selante a 40% uv,
61 x 46 cm, Ref.: IVAN008



Ivan Villalobos (1975, Chile)

Caballo, caballo, 2018

Técnica mista, esferográfica com acrílico, em passepartout sem ácido e selante a 40% uv, 57 x 45 cm, Ref.: IVAN006



Ivan Villalobos (1975, Chile)

Sem Título, 2018

Técnica mista, esferográfica com acrílico, em passepartout sem ácido e selante a 40% uv,
22 x 24 cm, Ref.: IVAN010



Javier Félix (1976, Colombia)

Doña Paquita, 2018

Técnica mista / desenho a lápis sobre papel / óleo sobre madeira,
25 x 25 x 5 cm, Ref.: JVF003

(...)

CCN: E o que é que o Artur quer dizer, quando afirma “Daquilo que a humanidade de facto precisava não ficou nada”. Mas o que é que a humanidade de facto precisava?

CS: Nada não! Alguma coisa fica, mas pouco.

CCN: Mas o que é que precisava mesmo?

CS: Algo que você fala muitas vezes, nesse seu projeto de discurso (n. Ed. sobre a acção Artivista Cultural, realizada no dia 28 de Junho, onde foram vendadas, em Lisboa, 9 estátuas de figuras ilustres das artes e da cultura). Por exemplo: as pessoas respeitarem-se umas às outras, isto é, falando a linguagem mais fácil, pois é claro que, para além disso, há imensas dificuldades de toda a ordem, com a ciência, com os exércitos, com tudo isso; isso tudo são problemas gravíssimos a serem resolvidos. Como é que nós hoje estamos a manter exércitos em todo o mundo? Aqui em Portugal, por exemplo, como é possível que nós mantenhamos um exército?

Quer dizer: não temos dinheiro para comprar uma obra de Max Ernst que representa a Soror Mariana Alcoforado, mas temos dinheiro para comprar canhões? Quer dizer: os senhores todos cheios de condecorações e muito importantes a tomarem whiskey a toda a hora julgam-se no direito de ensinar um jovem de vinte anos a matar outro jovem de vinte anos. Isto pode pode ser? isto é intolerável, como é possível um jovem de vinte anos matar outro jovem de vinte anos? é uma coisa incrível... E por aí fora, tudo coisas deste género.

(...)

2/3



João Donato (1953, Moçambique)
Sem Título, n.d.
Argila, engobe e esmalte moldado à mão,
30x20x20 cm, Ref.:JDO014



João Donato (1953, Moçambique)
Sem Título, n.d.
Argila, engobe e esmalte moldado à mão,
32x18x15 cm, Ref.:JDO013



João Donato (1953, Moçambique)
Série/Instalação "A Difícil Digestão da Serpente" (7 pratos), n.d.
Cerâmica, 23 cm diâmetro, Ref.: JDO001/2/3/4/5/6/7

João Donato (1953, Moçambique)
Série "Pássaros Inauditos", n.d.
Cerâmica, 30 x 18cm, Ref.: JDO010



João Donato (1953, Moçambique)
A Ocorrência, n.d.
Cerâmica, 21 x 27 x 3.5 cm, Ref.: JDO008



João Donato (1953, Moçambique)
Série "Pássaros Inauditos", n.d.
Cerâmica, 30 x 18cm, Ref.: JDO009





José Chambel (1969, São Tomé e Príncipe)

Sem Título (série “Danço Congo”, Hahnemuehle bartya FB), 2018

Fotografia, 50 x 60cm, JCH17



José Chambel (1969, São Tomé e Príncipe)
Sem Título (série “Danço Congo”, Hahnemuehle bartya FB), 2018
Fotografia, 40 x 50cm, JCH32



José Chambel (1969, São Tomé e Príncipe)
Sem Título (série “Danço Congo”, Hahnemuehle bartya FB), 2018
Fotografia, 50 x 60cm, JCH20



Marco Brás (1973, Portugal / EUA)
Sem título, 2000
Escultura em pedra,
90 x 60 x 50 cm, Ref.: MBR05



Marco Brás (1973, Portugal / EUA)
Flor de Lótus, 2000
Técnica mista s/ tela,
45 x 80 x 40 cm, Ref.: MBR14



Marco Brás (1973, Portugal / EUA)
Sem título, 2000
Escultura em pedra, 133 x 60 x 70 cm
Ref.: MBR05



Lizette Chirime (1973, Moçambique)

Sem Título, n.d.

Técnica mista s/ tela, 114 x 161 cm, Ref.: LCH008



Mário Cesariny e Carlos Cabral Nunes (1923 - 2006 e 1971, Portugal)
Homenagem a William Blake (Cadávre-Exqui), 2006
Técnica mista 30 x 10 cm, Ref.: CSY119



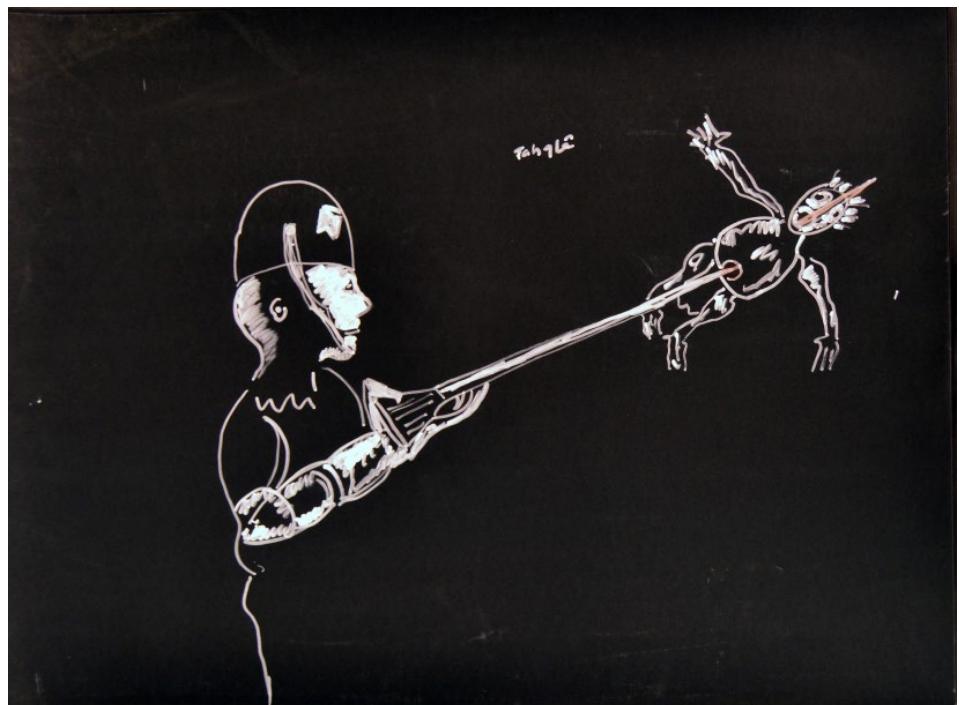
Reinata Sadimba (1945, Moçambique)
Sem Título, 2006
Cerâmica e metal,
43 x 24 x 22 cm,
Ref.: R073



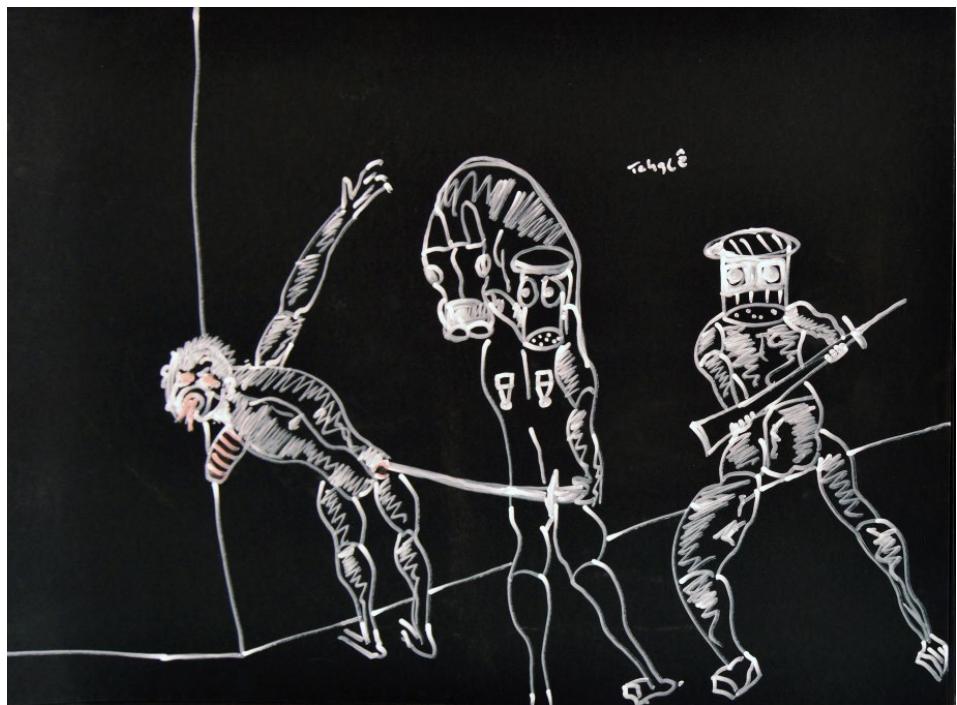
Reinata Sadimba (1945, Moçambique)
Sem Título, n.d.
Terracota e grafite,
30 x 27 x 30 cm
Ref.: R125



Reinata Sadimba (1945, Moçambique)
Sem Título, 2006
Terracota and grafite,
41 x 32 x 21 cm
Ref.: R062



Tchalé Figueira (1953, Cabo Verde)
Sem Título (série “War is Stupid”), 2018
Técnica mista sobre cartolina, 48 x 65 cm, Ref.: TCH12



Tchalé Figueira (1953, Cabo Verde)
Sem Título (série "War is Stupid"), 2018
Técnica mista sobre cartolina, 48 x 65 cm, Ref.: TCH09

(...)

CCN: E acha que a arte e a cultura têm algum papel a desempenhar nessa transformação, ou pelo contrário, também já são só um adorno. Ou o que é que podem ser, ou o que é que deviam de ser?

CS: O nome que se lhes dá, é um nome. Entre muitos nomes que se dão, como cão, como gato, como relógio, como parafuso. Agora o que é, é claro. São nomes que transcendem tudo, e isso realmente é que não se vê que aconteça. Não se vê, onde é que está realmente o resultado da cultura. Há os senhores absolutamente geniais, é o nome que se lhes dá até, são geniais. E que fazem propostas, que fazem obras, que fazem coisas extraordinárias como foi todo o Surrealismo, com gente extraordinária e honesta, sobretudo. E o que é que se vê? Continua tudo na mesma, um bocadinho mais na mesma.

Há uma palavra que eu gosto muito: é a honestidade, e isso é muito difícil de exigir aos Homens, que sejam honestos. Honestos consigo mesmos, até. E as pessoas estão a aldrabar, consigo mesmas, constantemente. Pergunto-me se isso faz parte do ser humano, ou se é uma coisa que entrou em nós com a ideia de sociedade, de sociedade organizada.

Eu não tenho o dom da palavra, tudo isto são tontices, mas são coisas que me provocam uma grande raiva e um grande mal estar.

CCN: O que é que o faria feliz, agora que está quase a caminho dos 100 anos?

CS: Ah, bom... isso de caras, é que as pessoas se intedessem umas com as outras e que não andassem a guerrilhar, mas claro, não se vê nada. Esse caminho não se vê, não se vê anunciado, não se vê realizado, não se vê sequer pronúncios dele porque os Homens não querem, por que os Homens descobrem coisas como aldrabar, que é o que eles gostam mais de fazer uns com os outros, para terem mais um automóvel, para terem mais uma amante, mais uma casa na província, mais uma casa de fim-de-semana, enfim, são “ideais” como estes que preenchem a sociedade, infelizmente.

3/3

Entrevista a Cruzeiro Seixas,
conduzida e realizada por Carlos Cabral Nunes. Junho de 2019.



Tchalé Figueira (1953, Cabo Verde)
A morte da poesia (série “War is Stupid”), 2015
Técnica mista s/ tela, 160 x 170 cm , Ref.: TCH21

FICHA TÉCNICA

conceito e curadoria

Carlos Cabral Nunes

direcção executiva

Nuno Espinho

produção / comunicação

Aurora Nunes, Mariana Guerra
João Gonçalves / Graça Rodrigues

design gráfico

CCN e Filipa B. Cruz

organização

Colectivo Multimédia Perve

Agradecimentos

Fernanda Freitas

Cláudia Magalhães

parceria e realização

aPGn2 - a PiGeon too

Casa da Liberdade - Mário Cesariny

Associação Mutualista Montepio

Perve Galeria - Alfama

impressão e copyright

Perve Global - Lda.



Catálogo e informação:

www.pervegaleria.eu

CT-80 | Junho de 2019

Edição ©® Perve Global – Lda.

Proibida a reprodução integral ou parcial deste catálogo, sem autorização expressa do editor.



Soly Cissé (1969, Senegal)

Standing man, 2003

Escultura em madeira entalhada e pintada,
base em madeira e metal, 162x25x20 cm,

Ref.:SLY001

aPGn2 - a PiGeon too

Avenida de Ceuta, Lote 7, loja 1

1300-125 Lisboa | Portugal

Horário: mediante marcação

tm. (+351) 912521450

Apoios:

